

# Mãe-Viva

Director: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 58 — Preço 3\$50 — 18/8/77

## DE SEMANA A SEMANA

### Que futuro para o Hospital ?

Imagine o leitor que, lá para meados do próximo mês de Setembro, vem a ter necessidade de recorrer aos serviços do hospital de Espinho. Sabia que pode acontecer que nessa altura o hospital não disponha de medicamentos para o tratar, película para o radiografar, comida para o alimentar durante o internamento, etc. ?

Pois esta situação, felizmente de momento apenas imagi-

nária, pode vir a tornar-se dramaticamente real em breve. E isto porque sem o pagamento total, até 15 de Outubro, das dívidas dos Serviços Médico-Sociais e a normalização, a partir dessa data, do pagamento dos serviços prestados pelo hospital àquela entidade, este deixará de estar em condições financeiras para poder continuar a prestar os seus importantes serviços. Os 8.000 contos, total da dívida acumulada des-

de Janeiro, terão de dar entrada no hospital muito em breve, ou algo de grave se passará.

E que, segundo nos apercebemos em contacto directo, a situação financeira do hospital de Espinho é de molde a alarmar e a justificar toda a atenção da população perante o que pode vir a passar-se. E se as verbas devidas pelos S.M.S. ao hospital ascendem a 8.000 contos, as dívidas contraídas pelo

continua na página 6

### PISCINA deve servir melhor

A Piscina de Espinho tem, como habitualmente, fornecido, neste verão de tempo muito incerto, os seus serviços àqueles que a procuram em busca da passagem de uns momentos agradáveis. Na actual época balnear os preços dos bilhetes de entrada sofreram aumentos que, ao que julgamos saber, encontram a sua razão de ser nos crescentes encargos de conservação de um complexo pou-

continua na página 5

### EXTINTA A CASA DA CULTURA DE ESPINHO

No último número chamávamos a atenção para a possibilidade de o Teatro Popular de Espinho ver na contingência de ter que abandonar as instalações que tem vindo a utilizar para os seus ensaios, e isso porque havia rumores de que a Casa da Cultura, onde se situavam essas instalações, poderia vir a ser extinta a curto prazo. Hoje, noticiámos o facto já consumado: segundo informações do delegado do FAOJ em Aveiro (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, entidade dependente do MEIC), a Casa da Cultura de Espinho deixou de existir, devendo as respectivas instalações ser abandonadas até Setembro.

Mesmo ao leitor mais desatento talvez lhe dê para pensar, com simplicidade, que Espinho anda com azar, já que ainda há poucos meses viu desaparecer a Secção Cultural da Académica, em circunstâncias a que demos o necessário relevo, e agora, zás, é a vez da Casa da Cultura. E em que circunstâncias ?

A situação da Casa da Cultura nunca foi totalmente clara, não houve durante bastante tempo um estatuto definido e a Casa foi funcionando, à semelhança do que se tem passado com a cultura dependente de organismos estatais, numa situação como que de favor, à espera de melhores dias. Mas, bem ao contrário do que se desejaria, esses dias não vieram e é assim que, na sequência de um diferendo com a senhoria do prédio em que a Casa da Cultura se encontrava instalada, motivado por um atraso no pagamento da renda, o FAOJ toma a deci-

são de considerar a casa extinta.

Não deixa, entretanto, de ser estranho constatar-se a facilidade com que se extingue a única Casa da Cultura existente no distrito de Aveiro e uma das duas a funcionar em todo o País, isto, independentemente de se poder, justamente, criticar a forma nem sempre capaz como ela foi dinamizada e posta ao serviço da divulgação cultural. Quer-nos parecer que seria de fazer uma tentativa de solucionar os problemas por processos menos drásticos e que, longe de servirem os interesses das populações que de práticas culturais pouco mais conhecem do que as promessas em cerimónias de posse e outras ocasiões do género, só convém àqueles que, sem grande alarde mas com uma intencionalidade clara, se movimentam quando e onde necessário para dificultar a vida às células de cultura viva que, apesar de tudo, persistem.

Fica-nos, pois, a dúvida se terá sido feito tudo para encontrar outra solução para a Casa de Cultura de Espinho. Mas, por outro lado, queremos ter a certeza de que as entidades oficiais, nomeadamente o FAOJ, estarão agora mais conscientes da necessidade de apoiarem as actividades culturais daqueles que acreditam que não será possível destruir tudo o que tem sido feito, e se há-de certamente continuar a fazer, entre nós, em sector tão importante.

Resta acrescentar que o zeloso defensor dos interesses da senhoria da Casa da Cultura era o dr. Amadeu Morais, pessoa ultimamente muito preocupada com actividades culturais.

### Blasco Hugo Fernandes:

— 20.000 rendeiros voltam a estar nas mãos dos senhorios

Membro da Comissão Central do Movimento Democrático Português, antifascista reconhecido, o eng.º Blasco Hugo Fernandes tem a sua actividade fortemente ligado a assuntos agrários, nomeadamente pela publicação de livros sobre este tema. Esteve ainda há pouco tempo em foco pelo seu afastamento do Ministério do Trabalho, «por conveniência de serviço». Aproveitamos a



sua estada recente em Espinho, por ocasião da Semana de Amizade com os Países Socialistas para recolhermos algumas das suas impressões sobre a nova legislação agrícola, procurando fazer incidir a entrevista sobre o arrendamento rural, que interessa

sobremaneira a esta região, e que tem ocupado, de certo modo, um lugar secundário em relação à lei da Reforma Agrária propriamente dita.

A nossa primeira pergunta levou Blasco Fernandes a este ponto preciso:

B.H.F. — Antes da lei 409/75, publicada pouco depois do 25 de Abril, os rendeiros estavam praticamente na dependência dos senhorios, no que respecta à fixação de rendas, aos prazos estabelecidos, à possibilidade de serem afastados das terras. E isto sem que tivessem qualquer hipótese de recorrerem judicialmente, pois não havia lei que os protegesse minimamente.

Esta situação tinha reflexos sociais e económicos bastante graves. Sociais, pelo desemprego que assim era criado. Económicos, pela possibilidade que tinham os senhorios de aumentarem as rendas e de os custos de exploração aumentarem para os rendeiros, com o consequente aumento dos preços dos produtos. A impossibilidade de acesso a qualquer outro sector profissional obrigava os rendeiros a lutarem pela sua sobrevivência, suportando estas arbitrariedades.

A lei do Arrendamento Rural 409/75 não resolvia todos os problemas, mas procurava actuar nos pontos fundamentais: a redução a escrito dos contratos de arrendamento; a fixação de rendas máximas, impedindo os senhorios de aumentarem as rendas; além

continua na página 5

## CENAS NA ESTAÇÃO

Dia, local e hora: 27 de Julho último, 8 horas, estação em Espinho. Personagens: passageiros, alguns empregados da C. P., entre eles o chefe da Estação, e dois comboios.

1.ª CENA: duas longas bichas de passageiros diante das duas bilheteiras em serviço. As pessoas esperam a sua vez.

«Atenção, senhores passageiros: vai dar entrada na linha n.º 1 o comboio com destino a Lisboa».

Agitam-se os passageiros, inquietos para conseguirem adquirir o seu bilhete a tempo de apanharem o comboio que vai chegar. Amável, um empregado sugere que os passageiros para o comboio de Lisboa avancem, a fim de serem atendidos antes dos passageiros com destino ao Porto, já que este comboio chegará um pouco mais tarde. O referido funcionário pede que transmitam ao chefe a informação de que há ainda passageiros por embarcar, pelo que ele deverá fazer o comboio esperar um pouco.

Toda a gente tira bilhete, mas nem todos podem viajar porque a precipitada ordem de partida dada pelo chefe não permitiu que 3 passageiros, pelo menos, apanhassem o comboio. Ao ser interpelado, o chefe da estação retirou-se estrategicamente para os bastidores, isto é, a sua sala, pelo que não teve ocasião de receber

os merecidos aplausos pela sua actuação.

2.ª CENA: chega o comboio para o Porto. Demora alguns minutos a partir e, maravilha das maravilhas, parece que ninguém fica em terra. Mas, o que é aquilo lá ao fundo? Ah, sim, alguém, um casal que corre, fazendo gestos, para apanhar o comboio. Mas não, tiveram azar: o autocarro da C. P. que faz ligação dos arredores de Espinho para a cidade

continua na página 4

## «BAR DO ZÉ DO TALHO»

No passado número num artigo referente aos torneios de futebol de salão e quando se enunciava as equipas participantes no torneio da A. A. E. voltou a ocorrer mais uma impertinente «gralha» tipográfica já que em vez de se referir «Bar Zé do Talho», saiu «Bar Zé do Telhado». Desde já, as nossas sinceras desculpas.

# NOTÍCIAS

## «CHUMBOS»

Atendendo a que uma gralha tipográfica surgida na última página do «Maré Viva», n.º 55 de 28-7, pode suscitar alguma confusão, decidimos aqui prestar um esclarecimento.

No tema «Os chumbos!», nos depoimentos dos professores, o nome do primeiro entrevistado foi involuntariamente omitido, dando a visível impressão de que todo o texto seria da responsabilidade da dr.ª Teresa Ortega. De facto a primeira coluna do referido artigo é constituída pelo depoimento do dr. Manuel Monteiro e a segunda, essa sim, pelo depoimento da dr.ª Teresa Ortega.

Pela gralha as nossas desculpas.

## FRUTA: que é dela?

O problema da má qualidade e mesmo da falta de fruta na nossa cidade veio a agudizar-se de uma forma algo espectacular nos tempos mais recentes. Curiosamente a escassez verifica-se muito principalmente nos produtos abrangidos pela tabela nacional; os restantes produtos aparecem no mercado a um preço extremamente elevado.

No sentido de clarificar um pouco a questão, o nosso jornal efectuou alguns contactos que, pelos depoimentos prestados, nos possibilitam uma visão mais correcta do assunto.

Soubemos assim que o abastecimento de fruta a Espinho está parcialmente dependente e condicionado pelos circuitos de distribuição do Porto. A nossa cidade consome, portanto, aquilo que os retalhistas locais conseguem adquirir no Porto. A fruta de melhor qualidade é comprada pelos comerciantes e intermediários que possuem melhores formas de contacto com os circuitos de distribuição. A vida dos pequenos comerciantes deste sector encontra-se, por isso grandemente dificultada, uma vez que as redes de intermediários absorvem, praticamente a seu bel-prazer, quase todos os lucros possíveis.

A resolução deste problema passa por duas questões que, em-

bora distintas, não deixam de pertencer a uma mesma situação de fundo: a racionalização dos circuitos de distribuição e o combate firme à acção dos intermediários. Exige-se portanto das entidades competentes a resolução deste problema. Estamos conscientes de que, a ser ignorado, só se acentuará, continuando assim as classes trabalhadoras, aquelas que não possuem rendimentos que lhes permitam, além do seu sustento, manter ainda uma complexa rede de parasitas, a pagar a inacção dos responsáveis.

Para esclarecimento dos nossos leitores, e porque nunca é demais insistir, aqui ficam os preços máximos, fixados por portaria, para algumas espécies de fruta: melão 9\$00 (de 1 de Agosto a 31 de Outubro); uva de mesa 21\$00 (de 1 a 31 de Agosto), sendo de 19\$00 o preço de 1 de Setembro a 31 de Outubro; pêra 20\$00 (1 de Agosto a 31 de Outubro). Estes preços máximos referem-se à fruta de primeira qualidade. Portanto, amigo leitor, se comprar fruta mais cara do que esta tabela, o problema é seu. E não só, pois assim estará a colaborar na especulação que atinge a todos.

## ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO  
Telef. 921823

## SESSÃO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

No próximo dia 19, pelas 21,30 horas, realiza-se mais uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal no edifício da Câmara Municipal.

A sessão terá a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Informações.
- 2 — Apreciação e localização do Parque Desportivo.
- 3 — Discussão e aprovação da Postura Municipal de Trânsito.

## RIFAS DA NASCENTE

Extracção de 11-8-77

920	1.000\$00	Nascente
020	100\$00	Artur Campos Gomes Faustino
120	100\$00	Maria Joaquina Almeida Marques
220	100\$00	Ana Maria Faustino
320	100\$00	António Rodrigues Pereira
420	100\$00	Julião Cabral
520	100\$00	Amorim Barata Garcia
620	100\$00	Nascente
720	100\$00	José Almeida (Jó)
820	100\$00	Ramiro Nogueira

### Manuel Lima Bastos ADVOGADO

Escritórios:  
Largo de Camões — Telefone 96281  
VILA DA FEIRA  
Residência:  
Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904  
ESPINHO

### Almeida Santos ADVOGADO

Escritórios:  
Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923314  
ESPINHO (Junto ao Café Parque)  
Horário — às 2.ª, 3.ª, 4.ª e 6.ª — de manhã  
VILA DA FEIRA — Tel. 96251  
(Junto às Escadas do Convento)



## farmácias

- QUINTA** — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092
- SEXTA** — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352
- SABADO** — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- DOMINGO** — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250
- SEGUNDA** — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320
- TERÇA** — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092
- QUARTA** — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

## Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

## maré viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Ana Maria, Antero Monteiro, António Letra, António Santos, Augusto Mota, Eugénio Morais, João Barrosa, José Cruz, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:

VICTOR SOUSA

Redacção:

RUA 62 N.º 251-1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO



## S. PEDRO

Dia 18, Quinta-feira

«Vou Fazer um Filho e Volto Já»  
Para maiores de 18 anos

Pelo título, o leitor apercebeu-se já de que género é o filme. Temos apenas a acrescentar que é com Lando Buzanca e que este por sua vez continua de mal a pior. A ignorar.

Dia 19, Sexta-feira

«A Viúva do Diabo»

Para maiores de 18 anos

Coitadinha da Ava Gardner que a põem agora a meter sustos à gente. Ainda por cima num filme tão mal feitinho que até dá pena olhar. Vamos fazer todos por esquecer, tá bem?

Dia 20, Sábado

«O Grande Delírio»

Para maiores de 18 anos

Por frágil mão de um realizador inexperiente pretendeu-se pôr de pé uma obra que, não sendo nada por aí além, tem um argumento de peso. Por isso é grande a derrocada, conseguindo-se apenas salvar a muito custo Jean Seberg. Vá lá, podia ser pior.

Dia 21, Domingo

«As Aventuras de Ulisses»

Para maiores de 13 anos

A lendária figura tão brilhantemente exaltada por Homero é argumento para esta fita. Pena é que não lhe tenham arranjado um narrador de imagem que não ficasse tão àquém do que teve como narrador de escrita. Merecia bem melhor.

Dia 22, Segunda-feira

«Pânico em Needle Park»

Para maiores de 18 anos

A droga continua (e continuará, infelizmente) a dar muito que falar. Como não podia deixar de ser, os produtores estão muito atentos a isso e impingem-nos assim ainda mais «droga». E o Al Pacino alinha nisso. Que pena.

Dia 23, Terça-feira

«Em Nome do Pai»

Para maiores de 18 anos

Para salvar a honra da programação desta semana, há apenas a registar esta excelente realização de Marco Bellocchio que, com coragem, denuncia o ambiente vivido nos internatos religiosos, e não só. Com muito interesse.

Dia 24, Quarta-feira

«Queremos os Coroneis»

Para maiores de 13 anos

Mario Monicelli, que por sinal tem a nossa particular simpatia, quis caricaturar uma situação política que infelizmente não está tão distante como seria de desejar. Assim, apresenta-nos uma obra infeliz de mau gosto, na qual o riso amarelo está bem patente. Não, disso estamos nós fartos.

## CASINO

Dia 18, Quinta-feira

«Adolescência Perversa»

Para maiores de 18 anos

Quem nos leu no último número sabe já qual é a nossa opinião. Para quem não sabe apenas isto: não veja, nem que lhe paguem.

Dia 19, Sexta-feira

«Os Parasitas da Morte»

Para maiores de 18 anos

Do Canadá, país de consagrada cinematografia, vem este filme que pretende ser de terror. Simplesmente não consegue fazer jus à fama da sua proveniência pelo que apresenta um trabalho muito confuso e misturado, aliado ainda a uma má técnica geral.

Dias 20 e 21, Sábado e Domingo

«O Criado de Confiança»

Para maiores de 18 anos

Para mal dos nossos pecados, Lando Buzanca volta a atacar. Que penitência esta.

Dia 22, Segunda-feira

«Mara, a Rapariga da Selva»

Para maiores de 6 anos

De positivo, poderá aproveitar-se a oportunidade para mostrar os bichinhos ferozes às crianças. O resto é tão fraquinho que nem vale a pena.

Dia 24, Quarta-feira

«O Esquadrão do Dragão»

Para maiores de 18 anos

A pedido de várias famílias: «Kung-fu».

### PRETENDE-SE

Apartamento 3 ou 4 asoalhadas para período de um ano.

Informações a este Jornal ao n.º 18.

## MARÉ VIVA É INDISPENSÁVEL

### Festas a

## S. Tomé e S. Vicente

Nos próximos dias 3, 4, 5 e 6 de Setembro realizam-se as tradicionais Festas a S. Tomé e S. Vicente, no lugar de Espinho. Os festejos começam no sábado, dia 3, com exibição de «Zés Pereiras» e mais tarde um conjunto típico. No domingo, depois de salvas de morteiros, as cerimónias religiosas dominam o dia com a missa de festa e uma procissão que sairá e regressará à Capela, depois de percorrer o lugar. À noite, sessão de fogo preso. As festividades profanas regressam na segunda-feira com actuação de conjuntos de ritmo e prosseguem na terça-feira com uma tarde

## PARA QUE

## CIRCULAR SEJA VIVER...

É alarmante e tem causado sérias preocupações a frequência com que vêm ocorrendo em Oleiros desastres de viação.

Alguns mortos, vários feridos graves, sem contar os danos materiais, são o balanço negro de atropelamentos em série, choques entre veículos, despistes ou quedas verificadas nos últimos meses, com uma tendência de agravamento nas últimas semanas.

Fácil é verificar que, na maior parte dos acidentes, intervêm

actual, não sem um certo receio de que isso venha a constituir um convite a maiores velocidades. Creemos, porém, que será de experimentar o mais rapidamente possível, desde que se lhe juntem outras medidas.

Uma delas será a remodelação e actualização da sinalização existente e a colocação de novos sinais em locais que o justifiquem o que, aliás, parece ter-se começado a fazer.

Essa medida, porém, afigura-se-nos insuficiente, dado sabermos, por um lado, que a simples existência da sinalização não garante o seu cumprimento e, por outro, termos constatado a abundância nesta terra de destruidores crónicos do bem público, de que inúmeros sinais de trânsito derubados ou mutilados são prova evidente, a exigir sanções e — antes disso, vá lá — uma certa mentalização.

Parece-nos ainda que o sinal de trânsito se vai tornando a pouco e pouco inexpressivo para quem transita sempre nas mesmas estradas. Para lembrar a sua existência e os deveres do utente da via pública, só uma vigilância mais assidua por parte da autoridade, cuja presença ao menos seria suficiente para moderar excessos e desmandos de toda a ordem.

Sugerimos há dias à Junta de Freguesia a criação de um grupo de trabalho, para que nos oferecemos, e que se destinaria ao levantamento dos problemas de circulação existentes na freguesia, ao esclarecimento e mentalização do público e ao estudo das soluções mais apropriadas, com realce para determinadas medidas preventivas.

Aí a colaboração da autoridade, mesmo sem recurso à repressão, seria do maior proveito. Vejamos que cuidados merece àquelas entidades a vida dos nossos amigos, vizinhos e conterrâneos...



motorizadas e que, quando isso acontece, maior é a gravidade dos resultados, o que não significa que estejamos a responsabilizar «a priori» os seus condutores.

É verdade que os locais onde o acidente acontece são geralmente gargalos de estrada sinuosa onde ninguém conduz sem se arriscar. No entanto, eles existem, não sendo previsível o seu alargamento dentro de pouco tempo. Compete, assim, aos condutores, como é sabido, adequar a velocidade dos seus veículos às condições de visibilidade e segurança.

Já a Junta de Freguesia anterior tinha projectado destinar alguns troços deste tipo de estrada a sentido único, solução que parece estar a ser repensada pela

## S. Félix da Marinha



desportiva (provas de atletismo, subida ao mastro, corrida de sacos, etc.)

Ainda durante os festejos, intervirão Bandas de Música e a Fanfarrinha dos Bombeiros Espinhenses. A presença desta fanfarrinha é inédita, segundo nos disseram elementos da Comissão das Festas. Novidade é também a transferência da tradicional Festa dos Tremoços para o domingo seguinte, dia 11.

Mas nem só isto nos disseram os elementos da Comissão. Depois de nos referirem que estas festas têm uma tradição secular e de

continua na página 4

# TRABALHO: Dois operários despedidos — Meio ano à espera de decisão judicial

Foi por um mero acaso. Sucedeu ouvirmos dois trabalhadores discutirem algo que se relacionava com o Tribunal do Trabalho. Acercamo-nos e soubemos tratar-se de dois dos sessenta e três operários despedidos da Cotesi no princípio do ano. As circunstâncias que permitiram estes despedimentos devem ser já bem conhecidas dos leitores, pois demoles na altura o devido relevo. Entretanto, outros despedimentos colectivos sucederam a fazer quase esquecer o que sucedeu na Cotesi em Fevereiro. Não o esqueceram por certo estes dois trabalhadores que, como muitos outros, continuam a sentir as consequências desta singular «democracia».

«Foram despedidos 63, mas dois já voltaram porque eram da família dum encarregado. Portanto agora só somos 61. O nosso caso está entregue ao Tribunal e é o Sindicato que anda a tratar da papelada. Mas agora como o Tribunal está de férias, continuamos à espera. No dia 27 de Agosto vamos ter uma reunião no Sindicato para se ver como é».

Eram os dois operários da secção de extrusão. Um ganhava 5.900\$00, o outro um pouco mais por trabalhar no turno da noite. Há 4 e 9 anos, respectivamente, sem qualquer castigo. Na greve

que levou aos despedimentos participaram mais de duzentos trabalhadores. Porque foram estes dois incluídos nos despedidos?

«Eu não sei ler», dizia-nos um deles, quando lhe perguntamos o que dizia o seu processo. «Ouvei o que aquilo dizia, mas fiquei na mesma, não sei porque é que fui despedido».

A mesma pergunta ao outro trabalhador. «Eu li o processo, mas ler aquilo ou não ler é a mesma coisa. O que é mais esquisito é que alguns dos mais activos na greve não foram despedidos. Nós fomos para a greve como os outros, porque até era uma greve justa. O patrão assinou um contrato e depois negou-se a cumpri-lo. E a gente ia dizer ámen. O que ainda não percebemos é como eles escolheram os que vieram para a rua. Houve até um encarregado que não queria entrar na greve e agora também está despedido».

São ambos casados, com filhos. Como conseguem viver?

«Quem ganha lá para casa é a minha mulher que é peixeira. Compra peixe às camionetas que vêm de Matosinhos e depois vai vendê-lo por aí. Mas é muito incerto. Tem dias que faz 100\$00, mas há outros que não faz nenhum».

Um dos meus miúdos faz uns recados e o que vale é um meu cunhado que vive connosco e nos vai ajudando. E há ainda a renda de casa que é de 500\$00. Vai-se vivendo claro, mas vive-se mal, muito mal».

Um pouco mais de sorte parece ter o seu colega:

«Vivemos em casa dum irmão da minha mulher que é mestre de obras e me vai dando algum trabalho. E é o que nos tem valido».

Mantêm acesa a esperança de voltar ao seu trabalho:

«Julgamos que vamos poder voltar. E se eles nos oferecerem uma indemnização, a gente antes quer o trabalho. Já estamos parados há mais de seis meses, mas houve uma fábrica em Coimbra em que os operários estiveram despedidos ainda mais tempo e acabaram por regressar à fábrica. Era até o próprio patrão que dizia que a gente ia ganhar no tribunal, mas foi o advogado, o dr. Amadeu Moraes, que fez mais força para se ir para isto».

Despedimentos e despejos parecem ter-se tornado a especialidade deste advogado, que assim estará a abdicar da sua tradicional versatilidade.

Voltando a hipótese de regresso ao trabalho, lembramos que a Cotesi havia admitido trabalhadores para substituírem os despedidos.

«Alguns estão mesmo empregados, mas há outros que têm contratos de três e seis meses. Por isso não deve haver problemas com os lugares. O pior é que havia mau ambiente e houve mesmo quem fizesse promessa de ir a Fátima a pé se nós fôssemos despedidos. Mas se a gente voltar, não passa cartão a essa gente».

E findaram:

«O culpado disto tudo foi o Ministério do Trabalho do Porto. Eu acho pelo menos que se o Mário Soares soubesse a tempo não deixava que se fizesse isto, não acha?»

A confiança permanece, pelos vistos e apesar de tudo. No regresso ao trabalho, nos responsáveis pelo País estes trabalhadores acreditam. Que a realidade lhes venha a dar razão, é tudo o que ainda podemos desejar.

Mas se repararmos, nós nem sequer ainda dissemos os nomes destes dois trabalhadores. Pois não vamos dizer. E talvez nem valha a pena explicar porquê.

## CENAS NA ESTAÇÃO

continuação da página 2

chegara atrasado, e não houve nada a fazer. Seguem-se protestos pela actuação do chefe que não esperou sequer pelos passageiros que a própria C. P. não faz chegar a horas às ligações. A retirada estratégica para os bastidores é, novamente, a salvação.

3.ª CENA: um casal de idade apressa-se, com esforço, a chegar à estação e o marido vai confirmar o horário do comboio para Aveiro que lhe fora indicado por solicito funcionário no dia anterior:

— oh mulher, então ele disse-me que era às oito e vinte e, afinal, é só às nove e meia. E viemos nós para aqui tão cedo, debaixo de chuva!

Cai o pano, isto é: cai a estação, os carris estouram, o telegrafo salta gritos agudos, o chefe estrebucha no meio do pó levantado na confusão e os passageiros, sorriso sádico escorrendo das bocas entreabertas e pingantes, calcam aos pés os destroços, os bilhetes, os horários, o apito do chefe.

MORAL DAS HISTÓRIAS: é urgente que se tomem medidas para evitar situações como as que retratamos (rigorosamente verdadeiras, excepto o «final em apoteose», claro). É claro que não será fácil impedir totalmente que surjam problemas, mas com boa vontade, alguma capacidade de organização e um esforço para disciplinar um pouco mais o público utilizador não será difícil melhorar a qualidade do serviço. Se é certo que os passageiros nem sempre ajudam da melhor maneira a evitar problemas, não parece menos verdade que não é refugiando-se na sala do chefe que se consegue alguma coisa. E é preciso actuar. Até porque a actuação de alguns funcionários não favorece em nada a nova campanha nacional que a C. P. está a promover. Além de que um país tão deficiente em transportes públicos tem o direito de exigir à sua transportadora ferroviária nacional que preste bons serviços.

aludirem a um ou outro pormenor dos festejos, as despesas passaram a ser tema:

«Estas Festas ficam à volta de 200 contos, com os conjuntos, a ornamentação do largo da Capela, o fogo e outras despesas mais pequenas. Para cobrir isto tudo não contamos com outra ajuda a não ser a dos habitantes do lugar. E olhe que o povo daqui não nos deixa ficar mal. É um povo baírrista, que gosta da sua Festa e que dá sempre o que pode para o seu brilhantismo. E aqui não há gente de dinheiro. Mas com a boa vontade de todos, aos bocadinhos, tudo se tem arranjado e esperamos que desta vez também seja assim. E também os emigrantes não esqueceram a sua terra e contribuíram».

«Não temos nenhum subsídio como têm as festas de Espinho, do Turismo. Pois nós pensamos que também o Turismo de Espinho nos podia dar um subsídio. Embora nós pertencamos ao concelho de Gaia, há muita gente que vem a estas Festas e vai depois à cidade deixar também lá dinheiro».

Aproveitamos a deixa para inquirirmos da projecção destas Festas a S. Tomé e S. Vicente:

«Esta é uma Festa de fama. Vem muita gente de fora. Do resto da freguesia de S. Félix da Marinha, da cidade de Espinho, de Nogueira, de Arcozelo, etc. Enfim, daqui dos arredores nunca faltou gente».

«Esperamos por isso que a Festa seja uma coisa em grande e não

## S. Félix da Marinha

continuação da página 3

nos temos poupado a esforços para isso. O trabalho de cada Comissão das Festas dura um ano, começando logo que acaba a Festa. E temos razões para estarmos satisfeitos e confiantes. Satisfeitos porque conseguimos um programa bom e oferecemos ainda quatro andores e duas imagens à Capela. Confiantes porque, embora as despesas ainda não estejam cobertas, estamos certos que o povo deste lugar ainda vai dar mais uma ajuda para que se cubra o resto».

Terminamos inquirindo dos nomes das pessoas com quem falamos, mas fizeram questão que todos os elementos da Comissão aparecessem, pois a todos é devida a realização das Festas. E eles aqui estão: presidente, António de Sá Pinto Viseu; escrivão, Adélio da Silva; tesoureiro, Manuel F. Couto e ainda Francisco Moreira, José do Agostinho, José Marques, António Marques, Carlos Alberto, David Silva, Amadeu Tavares e António Maia.

Onze elementos que tornaram possível estas Festas. Semelhantes a muitas outras espalhadas por quase todas as aldeias e vilas do País, mas com as suas características próprias. E por certo umas Festas diferentes para o povo do lugar de Espinho, porque são as suas Festas. «São» como dizia um nosso amigo daquele lugar, «o orgulho deste povo que se sente envaidecido de, naquele dia, ter a sua terra enfeitada e limpa».



### Pá velha

Confeitaria \* Charcutaria

Especializada em caladinhos - raivinhas - fogaças (fabrico próprio)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

# Blasco Hugo Fernandes

disso, o senhorio não podia anular o contrato, em qualquer caso, se com isso ficasse em risco a sobrevivência económica do rendeiro.

Com a lei do Arrendamento recentemente aprovada, todas estas conquistas, consagradas pela Constituição, são postas em xeque. Embora se fixem rendas máximas, os contratos escritos só são obrigatórios para terras com mais de dois hectares. Como a grande maioria das terras no Norte e Centro não têm esta área, isto vai fazer com que cerca de 200.000 rendeiros passem de novo a estar nas mãos dos senhorios, que podem estabelecer as condições de arrendamento como entenderem.

M.V. — Continua a ser permitida a parceria, isto é, o pagamento das rendas em géneros?

B.H.F. — O rendeiro era muitas vezes obrigado a dar ao senhorio  $\frac{1}{3}$  e até  $\frac{1}{2}$  da sua produção. A lei 409/75 proibiu a parceria, mas esta passa a autorizá-la, dizendo que não pode exceder metade da produção e que só deve incidir sobre as três culturas principais. O que significa que passa a ser tudo como antes do 25 de Abril.

Permite-se deste modo um tipo de exploração inconcebível numa sociedade democrática. São os parceiros que têm de investir em máquinas, adubos e tudo o que é necessário para as culturas, enquanto o senhorio não tem mais do que aproveitar a inflação, recebendo produtos mais caros e sem qualquer despesa.

M.V. — Na zona de intervenção da Reforma Agrária foram os próprios trabalhadores rurais que se anteciparam à legislação e forçaram a sua publicação. Pelo contrário, na zona do minifúndio, não só a lei do arrendamento rural não foi reivindicada, como depois de publicada, não foi praticamente posta em prática. Como explica isto?

B.H.F. — Isso tem muito a ver com o tipo de exploração agrícola. No Alentejo, os trabalhadores estavam concentrados em cada latifúndio. A organização e a discussão dos seus problemas faziam-se facilmente e era também fácil encontrarem formas de acção conjunta. É semelhante ao que se passa na indústria com os

continuação da página 1

operários concentrados em fábricas e daí a capacidade de resposta pronta e colectiva desses trabalhadores.

No Norte e Centro, há uma grande disseminação de propriedades, o agricultor está apenas voltado para a sua terra, labuta com dificuldades, de sol a sol, muitas vezes ao domingo. Trabalham assim isolados uns dos outros e daí a dificuldade em se organizarem em torno da resolução dos seus problemas. O M.A.R.N. é a primeira tentativa organizada e embora tenha recolhido alguns frutos, não admira que lute ainda com bastantes dificuldades.

M.V. — Que perspectivas vê para a revogação da nova legislação agrícola?

B.H.F. — A Constituição é o grande instrumento a utilizar nessa luta. As nossas leis da Reforma Agrária e do Arrendamento Rural são claramente anticonstitucionais e é por aí que os trabalhadores rurais e os rendeiros devem pegar. Isso implica o reforço da sua unidade, pois é por uma acção de massas organizada e consciente que se deve mostrar ao poder constituído que não é possível fazer retroceder impunemente conquistas tão importantes, nem mesmo utilizando meios repressivos. Julgo até que estes meios serão mesmo postos de lado se os trabalhadores e os rendeiros não afrouxarem e reforçarem mesmo a sua unidade.

## GAZETILHA

### Até quando?

Os tempos vão de maneira que é difícil encarar, Sem fumos de bebedeira, O que é forçoso aguentar.

Há festas do «Vale tudo» Com marginais a mandar, Vindo de viseira e escudo P'ra nela participar.

Sexo, droga, violência Será filme a projectar, Que a mais soez indecência Se obstina em recomendar.

Há também para os parceiros Que costumam protestar, Um grupo de «pauliteiros» De Rio Maior a actuar.

Bombista em Trás-os-Montes, Pistoleiros a matar, Explosivos nas pontes, Viaturas a voar...

Haverá fogo nas matas, Feérico crepitar, P'ra tirar as cataratas A quem não acreditar...

Assaltos à mão armada Pelas noites sem luar; Ladrões que saltam à estrada Pró viandante roubar...

Dizem que também há «fachos» Para a festa abrilhantar: «Corrêcio con sus muchachos» Que virão para ficar!

Alberto Barbosa (BEKA)

## QUE DIZ A ISTO?

1. O Ministério da Justiça prepara legislação que lhe permita fazer o controlo da correspondência dos presos.

Em nota desse ministério argumenta-se que «o controlo da correspondência dificulta a combinação de fugas».

2. Foi anunciada a próxima criação de uma nova polícia de informação, à semelhança, dizem, do que existe nas restantes democracias europeias.

O Estado, argumenta-se, tem de se defender de quem tenta derubar as suas instituições.

3. Num país onde são os próprios órgãos de soberania a porrem em liberdade os criminosos presos; onde os bombistas e terroristas têm oportunidade de fugir dos próprios tribunais, onde estão a ser julgados; onde os homicidas, depois de presos, são autorizados a deslocar-se a sua casa sem escolta, podendo aproveitar, como era de esperar, a oportunidade de fuga; num país destes, não serão de estranhar as medidas atrás indicadas?

4. Monsenhor Lefèbvre é o bispo mais ostensivamente reacclonário de toda a Igreja Católica. Suspenso pelo Papa, não acata as suas recomendações, declara-se abertamente em oposição à doutrina do Concílio Vaticano II e acusa a hierarquia da Igreja de posições esquerdistas.

A Santa Sé é um estado soberano com quem a maioria dos países mantém relações diplomáticas, sendo as nossas ao nível de embaixada.

Daí, as dificuldades que M. Lefèbvre tem encontrado em alguns países, para não falar daqueles onde nem sequer é autorizado a entrar.

Pois, em Portugal, tem honras de Televisão e larga entrevista na Radiodifusão onde livremente pôde criticar as posições de Paulo VI e dos restantes órgãos de soberania da Santa Sé.

## Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218  
ESPINHO

## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

## Piscina deve servir melhor

continuação da página 1

co adaptado às necessidades actuais e que tem vindo a sofrer melhoramentos sucessivos, no sentido de se evitar a sua degradação.

No ano passado as receitas totais, incluindo os banhos quentes, atingiram os 852 contos, orçando as despesas por uma verba superior a 1300 contos. Mas, sendo a piscina propriedade municipal e um serviço público, é de esperar que os responsáveis não raciocinem somente em termos de ganhos e perdas. É isto sobretudo no que diz respeito a facilitar o acesso à piscina por parte das crianças e jovens.

Quando notamos que um adulto tem de pagar um bilhete de 20 ou 25 escudos (conforme o mês de estação), e que pode ser mais reduzido se adquirir um conjunto de 10 entradas, isso não nos parece estar fora de uma certa lógica mas que uma criança tenha que

pagar 7\$50 (6 escudos se comprar um caderno de 10 entradas), é que será algo exagerado. Sabemos que o cartão de entrada permanente, para todo verão, custa, para uma criança, apenas 400 escudos, o que reduz muito o preço médio da entrada diária, mas a questão está também em saber quantos pais poderão fazer essa despesa. Pelo menos, dever-se-ia permitir a entrada com bilhete de criança até aos 14 ou 16 anos, e não só até aos 12, como agora acontece.

Esta situação é, porém, um tanto minorada pelo facto de cerca de 200 crianças terem entrada gratuita, ou seja, aquelas que frequentam os cursos de natação da DGD e as que se encontram a passar férias em Espinho na colónia de férias do IASE. Por outro lado, é possível que tornar totalmente gratuita a entrada viesse causar problemas de difícil solução por falta de capacidade

da piscina e até da não existência de estruturas de apoio para todas as crianças que aproveitassem essa possibilidade.

De qualquer forma, e embora a piscina de Espinho pratique preços acessíveis em relação à maioria das piscinas do País, há que continuar a tentar encontrar soluções que permitam a sua efectiva utilização sobretudo por crianças e jovens, eliminando, por outro lado, a prática de alguns que fazem da piscina habitação, passando lá grande parte do dia, sobretudo em ocasiões de maior frequência.

A terminar, alertamos ainda para a necessidade de se proceder à limpeza do tanque principal três vezes por semana, e não duas como agora acontece, e isto porque não será, decerto possível limpá-lo diariamente, conforme acontece com o tanque dos mais pequenos.

VISTA OS SEUS FILHOS  
NA

**BOUTIQUE MI**

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

**Pintura de automóveis**

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

# De Semana a Semana

Continuação da página 1

hospital, principalmente a fornecedores, são da ordem dos 7.000 contos. O acumular destas dívidas levará inevitavelmente, a que os fornecedores cortem os seus fornecimentos ou que as entidades privadas que colaboram com o hospital no apoio aos doentes (laboratórios, radiologistas, etc.) se recusem a continuar essa colaboração.

Entretanto, a pressão exercida pelos hospitais do distrito de Aveiro, expressamente reunidos para analisar a situação, já deu alguns frutos, embora fracos. Assim, parece que virão a ser em breve distribuídos 39.000 contos para pagamento de dívidas dos S.M.S. Mas desta quantia apenas cerca de 10.000 contos irão para os hospitais (quando estes são credores de cerca de 60.000), e o restante para pagamento a farmácias, radiologistas e analistas privados, etc. Ocorre perguntar por-

quê este tratamento preferencial dado às entidades privadas? Além daquela verba, vão ser postos ao dispor dos hospitais concelhios de todo o país 150 mil contos para eles pagarem as suas próprias dívidas. Espera-se que o hospital de Espinho venha a ser um dos beneficiados, tanto mais que, em devido tempo, o hospital respondeu a um inquérito da D. G. de Saúde, condição agora considerada necessária para ser contemplado.

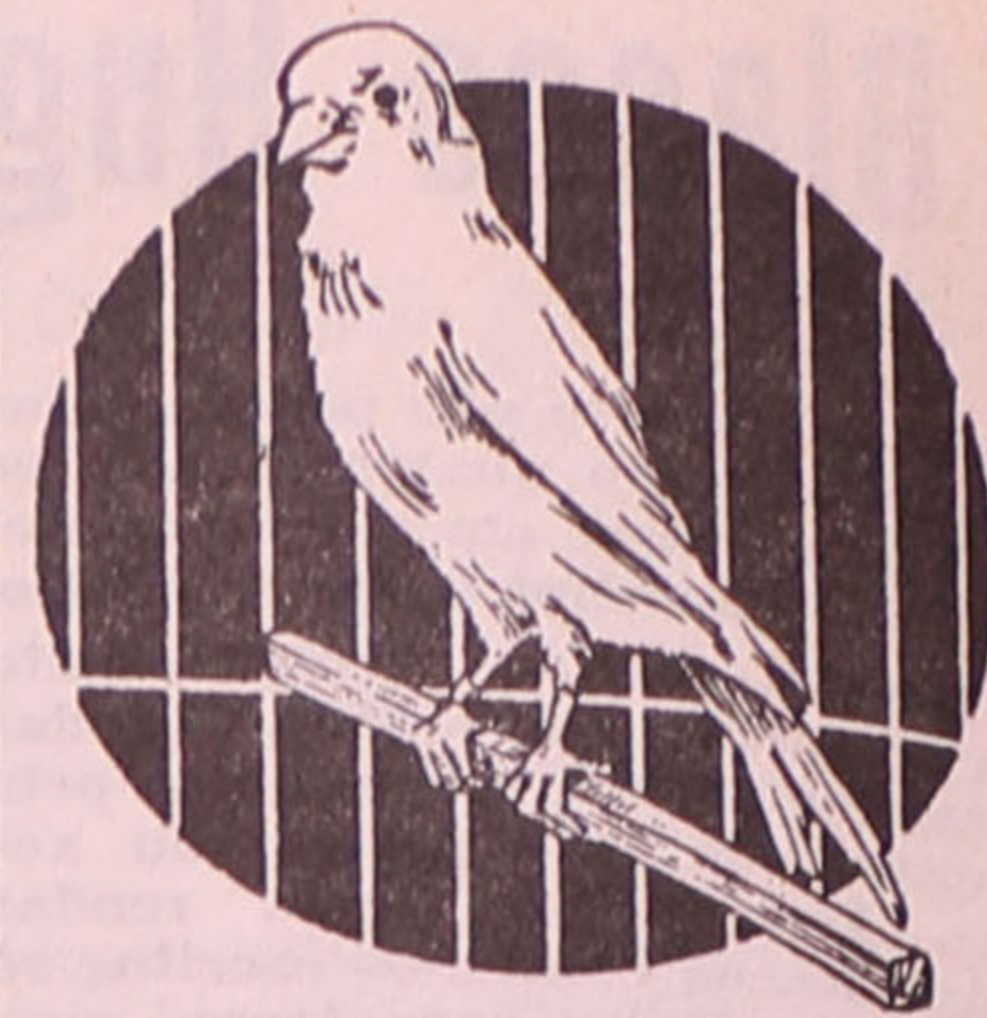
A situação criada é bastante clara: a proposta surgida na referida reunião de hospitais também. No seu último ponto diz-se: «Se até 31 de Agosto de 1977 o problema não for resolvido, as Comissões Instaladoras (dos Hospitais não se comprometem, perante os utentes dos hospitais, a tratar os doentes que solicitem os seus serviços, responsabilizando o Governo por todas as graves conse-

## J. Pinheiro de Moraes

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 - Tel. 920452

quências que daí advêm». A partir da referida data, que caso as dívidas dos S. M. S. não tenham sido pelo menos parcialmente pagas, o hospital, embora com as portas abertas, e continuando a receber os doentes, responsabilizará o Governo pela falta de medicamentos e meios de diagnóstico e terapêutica, pela impossibilidade de continuar a prestar toda uma série de serviços tão importantes aos que o procuram e que são aqueles para quem a medicina privada é inacessivelmente cara. Espera-se que o Governo se sinta responsável.



## "O VIVEIRO"

Aves Peixes - - Gaiolas nacionais  
estrangeiras - Aquários - Alimentação  
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52

Telef. 921622

Merc. Municipal — Espinho

## Minuto a minuto o seu dinheiro cresce na CGD



## ...porque dá mais força à economia do País.

Verão. Férias. Família. Portugal.

De novo reunida a família.  
Há que planear o futuro. O nosso futuro que é o futuro de Portugal.  
É o momento de planear como empregar as suas economias.  
No país que é o seu, para o bem estar de todos.  
Venha trocar impressões com a CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



# NO SPORTING DE ESPINHO

## TRABALHA-SE À ESPERA DO CAMPEONATO

O futebol voltou! Para já são os treinos, a preparação física e técnica, a construção dum novo conjunto, dum unidade de que todas as equipas precisam. São ainda os últimos passos na tentativa de contratação de mais alguns reforços, são os aspectos organizativos, a afinação de todos os sectores para que o total funcione para responder às exigências das provas que se avizinham. E no Sporting Clube de Espinho vive-se um ambiente destes, tentando-se burilar todas as arestas para que o clube possa enfrentar com êxito este desafio que de novo se lhe apresenta e que é a permanência no escalão principal do futebol profissional português.

O «pelado» da Avenida está a ser recuperado, as bancadas adaptadas às novas exigências, ficando a bancada central exclusivamente reservada a sócios. No que respeita ao sector distribuído à imprensa há grandes alterações, para que as condições sejam melhores.

E a equipa reforçada, com sete

novos elementos, ainda que seja possível a contratação de mais alguns nomes, trabalha afincadamente sob o comando de Mário Moraes.

Antes do campeonato se iniciar, os adeptos dos «tigres» terão a possibilidade de saciar o seu apetite por este tipo de espectáculo, já que se realizará mais um «Torneio da Costa Verde», este ano com equipas de grande valor, Boavista, Braga e Belenenses, nos dias 27 e 28 do corrente mês. Além disso, no dia 30, a equipa local deslocar-se-á ao Restelo para jogo de apresentação da nova equipa do Belenenses.

Por estes motivos nos deslocamos ao «Avenida» a fim de darmos conhecimento aos nossos leitores do que se faz por lá, quem são os novos «tigres», quais as aspirações do técnico.

De amena conversa com os novos jogadores, salientamos, para já, dois casos, Barrigana e Coelho, pelos aspectos particulares que envolvem a sua vinda para o S. C. de Espinho.

# DESPORTO

## OS NOVOS JOGADORES



José Júlio Xavier Canavarro  
(ponta-de-lança)  
Idade: 28 anos  
Clubes: Porto, Riopole, Braga e Paços de Ferreira.



Gabriel Baptista Gaspar  
(guarda-redes)  
Idade: 27 anos  
Clubes: Atlético, Académico, Braga e Fafe (últimos 4 meses).



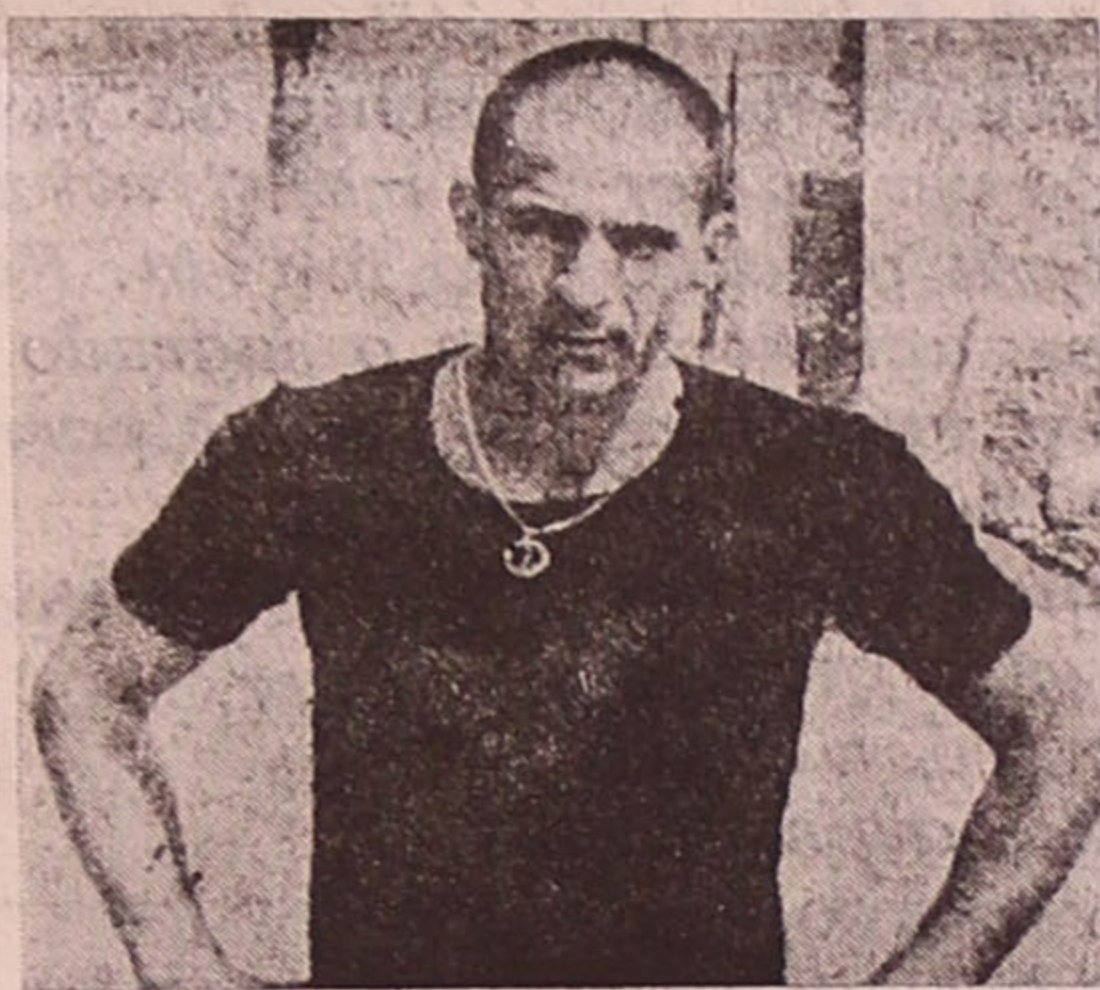
Artur Amaral  
(defesa-esquerda)  
Idade: 27 anos  
Clubes: Belenenses, Olhanense, Espinho e Boavista.



Manuel José de Jesus Silva  
(Centro-campista)  
Idade: 31 anos  
Clubes: Benfica, Belenenses, Varzim, Tomar, Farense e Beira-Mar.



Ernesto Barrigana Baptista Petinga  
(guarda-redes)  
Idade: 30 anos  
Clubes: Belenenses, Oriental, Amarante, Penafiel, Tirsense, Boavista e Leixões.



José Marques da Silva (Zézinho)  
(extremo-direito)  
Idade: 29 anos  
Clubes: Guimarães, Belenenses, Atlético, Boavista e Braga.

«ESTOU PARADO DESDE FEVEREIRO, MAS ESPERO ATINGIR A FORMA QUE ESTA AO MEU ALCANCE»

Barrigana, um guardião de grande experiência, teve na época anterior pouca evidência, rescindindo contrato com o Leixões antes do fim da época. Aparece-nos agora como um dos guarda-redes com que os «tigres» podem contar.

«Como sai um treinador, Joaquim Meirim, e entra um curioso do futebol, prof. João Mota, sem condições para trabalhar com profissionais, peço a rescisão do contrato em Fevereiro e fico afastado do futebol, dedicando-me à minha vida profissional, pois tenho sociedade numa empresa de construção civil. Treinei apenas um mês em Guimarães!»

Agora torna-se mais difícil, tenho tendências para engordar, mas existiram pessoas que acredi-

No próximo número:  
Ouvindo o  
TREINADOR e o  
CAPITÃO DA EQUIPA

taram em mim (o técnico Mário Moraes e o dirigente Fernando Costa) e eu não os quero desiludir.

Não posso deixar de agradecer, no entanto, à massa associativa e direcção do Leixões, mas não pude aguentar os factos altamente graves que ocorreram e a que eram alheios, pois foi um oportunista que colocou o Leixões na II Divisão. Desejo as maiores felicidades para o Leixões na época que se avizinha».

### «O ATLÉTICO QUER GANHAR DINHEIRO A MINHA CUSTA»

Coelho, o jovem defesa que ingressa nas hostes espinhenses em vindo a ser bastante falado porque o clube que representava, Atlético Club de Portugal, insiste em contar com ele para a próxima época.

«Existe uma certa vigarice por parte dos dirigentes do Atlético, porque vão contra o estipulado no contrato colectivo de trabalho para profissionais «A», sendo de lei que até ao mês de Julho qualquer clube que não se ponha em data com os jogadores, estes podem rescindir contrato. Cheguei ao mês de Julho, e tinha a receber os meses de Junho, Julho e subsídio de férias. No dia 12 de Julho fui à sede para receber o mês anterior, mas não estava em pagamento, recebendo os meus colegas só nos dias 13 ou 14. Faltava-me receber 8.500\$00 de prémios de jogos e em três vales descontei algum desse valor. E o clube diz que era adiantamento do ordenado!»

O dirigente João Penão afirma à revista «Equipa» que me podiam pagar até ao fim do mês de Julho, mas a verdade, pelo que reza o contrato colectivo, é que o prazo é a data de 5/Julho,



Carlos João Pinho Coelho  
(defesa-direito)  
Idade: 24 anos  
Clubes: Atlético.

e até aí não recebi Junho, Julho e subsídio de férias. A lei é para se cumprir! Eles estão a fazer um jogo sujo, pois incluem-me no lote de jogadores para a próxima época, o que é, repito, uma maneira porca de actuar.

Quando fui para a vida militar dispensaram-me e ninguém perguntou se tinha que comer em casa. Agora o clube quer arrecadar dinheiro à minha custa, mas não ganhará mais uma gota de suor de quem sempre explorou!»

# MARTE VIVA

«(...) HERDEI A AMBIÇÃO QUE INCITA A SER DEUS,  
OU SUCUMBIR NESTA JORNADA INFINITA...»

Manuel Laranjeira, COMIGO

Passou ontem, dia 17, o centenário do seu nascimento. A 22 de Fevereiro de 1912, com 34 anos apenas, pôs termo à vida.

Sucumbiu, pois, antes de atingir os humbrais do Olimpo, antes de «colher toda a verdade da vida», segundo a sua própria expressão.

Figura das mais relevantes do pensamento português dos primeiros anos deste século, ensaísta, dramaturgo, poeta e cientista, a sua obra aguarda ainda o estudo crítico que merece para então se poder aquilatar convenientemente da sua envergadura intelectual.

M. LARANJEIRA

por António Carneiro



## PALAVRAS A UM BENFEITOR

Por MANUEL LARANJEIRA

*Há quem dê esmola para não assistir ao espectáculo penoso de ver o sofrimento alheio, e há quem a faça para que o sofrimento alheio lha agradeça: há quem dê esmola para calar em si o sofrimento de ver sofrer os outros, e há quem a faça para gozar o prazer imoral de ver os outros agradecerem-lhe. Há quem dê esmola para satisfazer e tranquilizar a consciência perturbada, e há quem a faça para satisfazer a vaidade egoísta; há quem dê esmola unicamente quando a consciência o vê, e há quem só a faça quando o vê todo o mundo. Há quem dê esmola com medo de ganhar um remorso, que se pode comprar pelo preço fácil de um pedaço de pão; há quem a faça com medo de perder um elogio agradecido, que custa apenas a superfluidade de algumas migalhas.*

*Antes de dar esmola, quem a dá, já está sobejamente pago; uns com a consciência sossegada, outros com a vaidade saciada. (...) Esmola, afinal, ninguém a dá; vendem-na todos. (...) A caridade é um negócio sossegado, outros com a vaidade saciada. Comércio de consciência e paz, para os que são benfeitores pelo coração; comércio de elogio e lisonja, para os que são por luxo e por vaidade.*

*É por isso que a esmola é imoral e injusta. Não torna melhor quem a faz, e só humilha quem a recebe. (...)*

*É que, onde a caridade existe, não exis-*

*te o sentimento de justiça. Exercer a caridade, ou proclamá-la como um sentimento útil e bom, é corromper a noção e o sentimento da justiça — que diz que o primeiro e indestrutível direito do Homem é o direito à vida. Falar de caridade, onde só existe o sagrado direito de viver, é uma imoralíssima hipocrisia para justificar a iniquidade social.*

*A justiça não é calar a miséria, é não a fazer.*

(in «Seara Nova», Agosto de 1952)

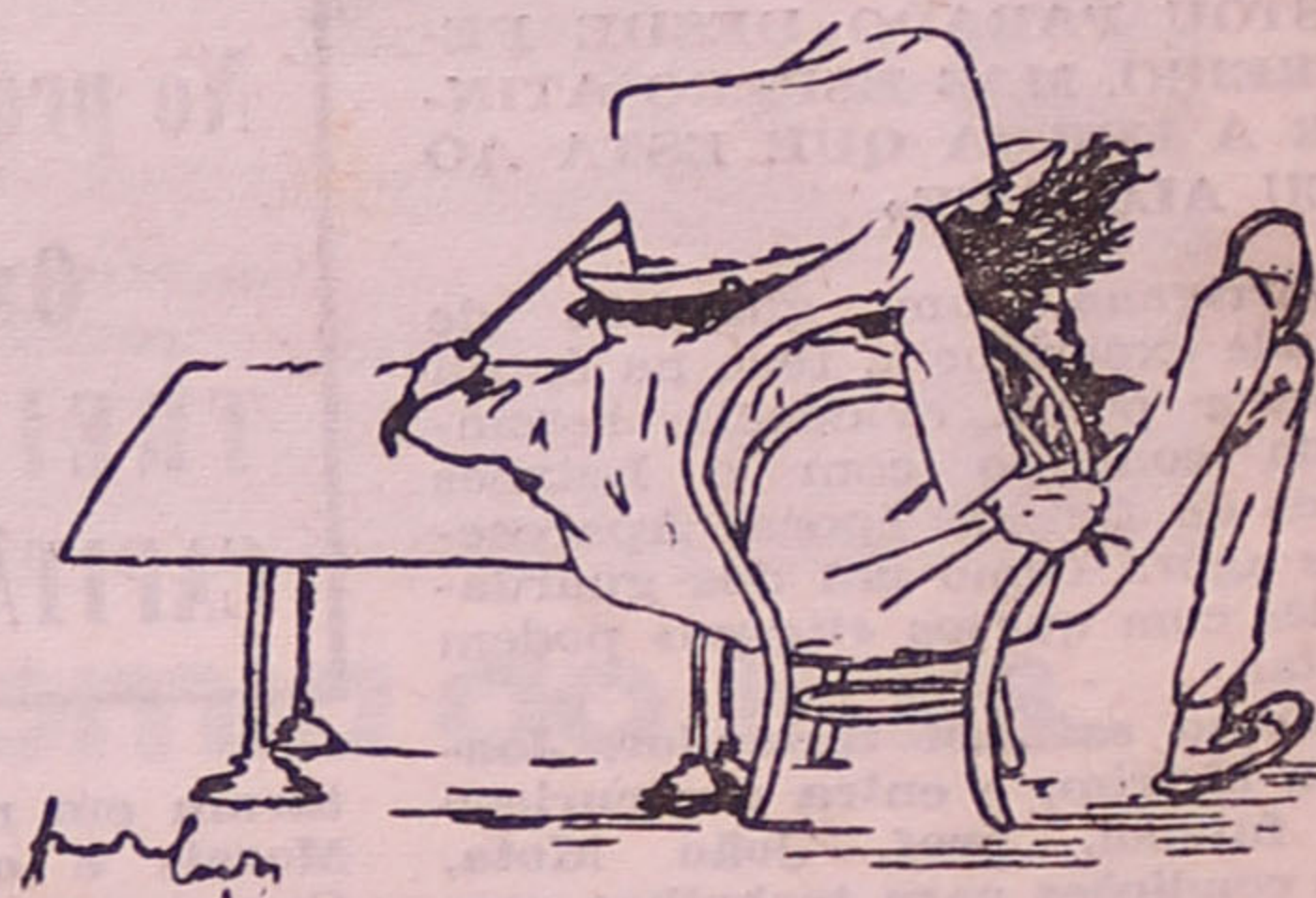
**E nunca te envergonhes de sonhar!  
nem escondas o sonho que tiveste,  
com receio de alguém t'ó profanar!...**

(Do livro de Poemas COMIGO)



M. LARANJEIRA

por Amadeu Sousa Cardoso



**Crêr — é a arma de quem lida,  
e o segredo que a alma tem para nunca ser vencida.**

(Do livro de Poemas COMIGO)



**PORTE  
PAGO**

Ilídio Martins da Silva  
R: 33 -Bº Moderno-Espinho